

Regionalização só no pós-Marcelo, dizem Medina e Moreira

Debate
Margarida Gomes

A descentralização-regionalização foi tema de um debate no Porto entre os presidentes das duas maiores câmaras do país

Fernando Medina e Rui Moreira estão em total sintonia quanto à necessidade de se avançar para a reforma administrativa do país, mas tanto o presidente da Câmara de Lisboa como o da Câmara do Porto consideraram que só haverá condições políticas para se fazer a regionalização depois das eleições presidenciais do 2021, ou seja, no pós-Marcelo.

O Presidente da República é contra a regionalização – e tem dado sinais disso –, por isso Fernando Medina e Rui Moreira entendem que vai ser preciso esperar por uma reforma que os portugueses chumbaram, em 1998, quando foram chamados a pronunciar-se em referendo.

A descentralização-regionalização foi ontem tema de um debate no Teatro Rivoli, no Porto, e que juntou os presidentes das duas principais câmaras do país que se mostraram sempre em sintonia. “Há 20 anos, o mapa [da regionalização] era péssimo, as dinâmicas eram mal explicadas e o presidente do PSD [Marcelo Rebelo de Sousa] era contra a regionalização. Hoje, o mapa está melhor, as dinâmicas estão mais bem explicadas e o ex-líder do PSD, hoje Presidente da República, não creio que tenha mudado de opinião”, declarou o presidente da Câmara de Lisboa.

Por várias vezes, o independente Rui Moreira saiu em defesa de uma nova consulta popular sobre a regionalização. O autarca do Porto disse implicitamente que o responsável pelo facto de o país não ter ainda níveis intermédios de governação é o Presidente da República. “Há mais vida depois de 2021”, disse.

Para aqueles que em 1998 não participaram no referendo, Rui Moreira deixou um apelo para que da próxima vez o façam. “Podemos referendar a regionalização e os novos portugueses que estão com o rabo muito peloado de promessas devem participar”, reforçou o autarca eleito pelo movimento independente Porto, o Nosso Partido, para quem “o país tem de ser



Rui Moreira e Fernando Medina são ambos regionalistas

suficientemente inteligente” para avançar com esta reforma.

Moreira empenhou-se em desmontar a teoria de que a “regionalização representa mais Estado e pior Estado” e que fica mais cara ao país. “A regionalização tem sido um mito”, acrescentou, tentando demonstrar que, 21 anos depois do primeiro referendo, a sociedade portuguesa está mais madura e mais capaz de entender as vantagens desta reforma administrativa. “Não há razão nenhuma para que a regionalização não se faça até porque há vários modelos”, sustentou ainda o autarca do Porto.

No mesmo registo, o presidente da Câmara de Lisboa partilhou com a plateia – onde se viam Valente de Oliveira, Pinto da Costa, Ilda Figueiredo e autarcas – que há 20 anos foi um grande defensor da regionalização. E resumiu: “Hoje é claro para mim que há um conjunto de problemas que só podem ser resolvidos a uma escala supramunicipal”.

O processo de descentralização de competências foi fortemente criticado pelos dois autarcas. “O meu pai nunca tinha visto uma ovelha tosquiarse. Este processo da descentralização foi capturado pela ovelha, que não se quer tosquiar e que é a máquina do Estado”, apontou Moreira. Já para Medina, “há duas ovelhas que não se querem tosquiar: a máquina central, que não quer perder competências; e uma grande parte dos municípios, que não estão interessados na descentralização”.